



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da União Operária Nacional

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração - Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa - PORTUGAL

End. teleg. Tahoba - Lisboa • Telefone:

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

LÉRIAS! LÉRIAS! LÉRIAS!

Entretanto, o consumidor vai sendo roubado e envenenado

Anunciou o governo severas medidas de rigor contra os ladravazes assambarcadores, os quais além de virem envenenando impunemente o consumidor, estão de dia para dia tornando a vida mais difícil. Apesar disso, verifica-se que o preço dos géneros sobe ininterruptamente, talvez porque os exploradores do povo temem a plena segurança de que os governantes só com palavras os molestam, e eles bem sabem que palavras leva-os o vento.

Se os trabalhadores, num legítimo direito de defesa, tentam colocar-se em condições de fazer face ao exorbitante custo da vida, recorrendo, para esse efeito à reclamação de aumento de salário, os governantes, e a imprensa que sistematicamente os defende, apodem-nos de perturbadores da ordem pública, e o menos que lhes sucede é irem parar à cadeia, quando não são mandados para a África.

Os ladrões do sangue do povo, pelo contrário, não só não vão para a cadeia, como se lhes permite ainda que continuem enriquecendo à custa da miséria pública.

Todos os dias as gazetas noticiam apreensões de géneros que escasseiam no mercado e que os assambarcadores retem para promover a sua alta, muitos desses géneros podres pela longa permanência nos armazéns.

Não se viu, porém, que o governo, que com a maior facilidade faz prender os operários, mandasse meter na cadeia um só daqueles bandidos, que dá uma justa ideia da justiça com que procede para com uns e para com outros.

A IMPRENSA E A CARESTIA DA VIDA

Quando, no ano de 1918, a organização operária se entregou a um labor extenuantíssimo contra a carestia da vida, procurando ordenar esforços e criar energias, a fim de que bem vigorosa resultasse a sua campanha contra viver caro e difícil, a imprensa pensava dos interesses burgueses, que agora se desentranha em conflitos atuais contra a carestia.

Então, quando do malogro dessa greve, provocado pela pressão brutal do sidonismo, pelo silêncio imposto às massas polas baionetas e canhões do governo republicano-burguês saído da revolução de Dezembro, quando centenas de homens eram arremessados para cárceres imundos, a imprensa capitalista não só não protestou, fazendo justiça a esse movimento — que constitui uma página de ouro na história da organização operária, página de ouro manchada pelo sangue dos operários fuzilados em Montemor-o-Novo e pelos sofrimentos infernais dos camaradas deportados para as plagas longínquas de África — mas ainda atacou cobardeamente a organização sindicalista, insultando-a ferozmente nesse momento em que vertia sangue de mil feridas, despejando sobre os militantes operários os habituals epítetos de *meneurs* e agitadores profissionais, e acusando-os de vendidos aos vários ouvintes que a quem assusta fantasma sindicalismo revolucionário, dado pela insistente campanha clamatória das classes burguesas, adessem confiadamente prestando a sua colaboração. Foi obedecendo a este critério que a U. O. N. se dirigiu aos poderes centrais várias vezes, fazendo-lhe crer a dolorosa situação em que encontravam as classes trabalhadoras e reclamando medidas segentes e eficazes que atenuassem um tal estado de coisas. A central dos Sindicatos, animada de muitos conciliatórios, desejando tranquilamente se deliberasse sobre a situação económica do país, prolongou o seu movimento durante alguns meses, reservando sempre como último recurso o amanhecer às multitudes.

Os jornais burgueses, então, insultaram, abocanharam. Eles, que agora tam ardemamente atacam os assambarcadores, apunhalaram traiçoeiramente, pelas costas, em 1918, a organização operária, que um ano lutara energeticamente contra o viver caro, exigindo a cada momento, dos governantes, o barateamento dos géneros de primeira necessidade.

Agora — que irrisão! — é essa mesma imprensa, então tam indiferente à situação económica do povo, que se empenha no combate aos especuladores, reclamando a adoção de medidas que um pouco aliviem a atmosfera de fogo que se respira.

Queríamos acreditar nas boas intenções dessa imprensa, na sinceridade das suas cotidianas afirmações; mas não o podemos fazer, porque ainda não esquecemos o movimento de 1918, porque há camaradas nossos que ainda hoje sofrem de males então adquiridos no cárcere, porque nos recordamos de que Sidónio Pais recebeu aplausos de uns órgãos burgueses e o silêncio de outros, que representava uma aquiescência quando, com fúrias de epiléptico, se lançou, acompanhado dos seus sequelas, contra a organização sindical dos trabalhadores portugueses.

Nesse combóio, que partiu nas principais estações, tomariam lugar todos os técnicos e funcionários a quem as experiências interessem, assim como os lavradores e outras pessoas que solicitaram bilhetes, quer no ministério, quer na casa organizadora das demonstrações na rua do Alecrim, 10, 3º.

C. G. T.

Toma hoje posse
o Comité Confederal

São convidados os camaradas que constituirão o Comité Confederal da C. G. T.: Manuel Joaquim de Sousa, pela indústria do calçado, couros e peles; Miguel Correia, pelos ferroviários; José Carvalhal, pelos marítimos; Alfredo Neves Dias, pelos gráficos; Alfredo Lopes, pela construção civil; Francisco Viana, pelas Unões de Sindicatos, e Joaquim de Sousa, pelos metalúrgicos, a reunir hoje, terça-feira, às 21 horas, na sede confederal, para tomar posse, que lhes será dada pelo signatário, na qualidade de presidente da última sessão do II Congresso Operário Nacional, devendo assistir ao acto os componentes da Comissão Administrativa da extinta União Operária Nacional, que por este meio são igualmente convocados.

Manuel da Conceição Afonso
(Da Federação do Livro e do Jornal)

Convidam-se os camaradas de Lisboa, que secretariaram as sessões do II Congresso Operário Nacional, a virem hoje, pelas 21 horas, à sede da Confederação Geral do Trabalho, a fim de entregarem os documentos ou actas que lhes enham em seu poder.

Opinião dum tolstoiano

O correspondente do Daily Herald em Genebra entrevistou Paulo Birukoff, amigo íntimo e biógrafo de Tolstoi. Birukoff esteve na Rússia de Novembro de 1918 a Março de 1919:

"É injusto, afirma ele, responsabilizar os bolcheviques pela carestia, resultado das restrições ocasionadas pela guerra. Pelo contrário, eles esforçam-se por remediar o estado de coisas que foi legado.

"Dão-se actos de violência, mas é absolutamente falso que sejam a característica do regime, que se vê obrigado a defender-se contra uma oposição extremamente violenta. Nas regiões onde aparece Koltchak praticam-se mais atrocidades indizíveis que as que os bolcheviques possam, não cometem, mas sonham!"

Birukoff ri-se da formidável balela da "socialização das mulheres" e manifestou a sua indignação contra a tentativa de estrangulamento do trabalho de emancipação da Rússia nova, que está baseada na cooperação voluntária. "Acabo de saber pela imprensa, ajuntou ele, que a Entente prepara um novo crime, alisando na Alemanha centenas de milhares de prisioneiros russos para os mandar reforçar o exército de Dénikin".

A mecânica na agricultura

No dia 30 realizam-se experiências no Tojal

Como noticiamos, no próximo dia 30 realizar-se no Tojal demonstrações agrícolas em que trabalharam vários tratores Holt e Lousou. O ministério da agricultura, que tem tomado grande interesse pela introdução da cultura mecânica em Portugal, conseguiu um comboio especial para esse dia, devendo o embarque efectuar-se no Terreiro do Paço as 6 horas.

Nesse comboio, que partiu nas principais estações, tomarão lugar todos os técnicos e funcionários a quem as experiências interessem, assim como os lavradores e outras pessoas que solicitem bilhetes, quer no ministério, quer na casa organizadora das demonstrações na rua do Alecrim, 10, 3º.

NA HUNGRIA

O medo ao bolchevismo

PARIS, 16.—Na Hungria serão organizados pelas missões aliadas corpos de gendarmeria com receio de que volte a ofensiva bolchevista. — H.

Vera na 4.ª página:
Folhetim — O Calvário

II CONGRESSO OPERÁRIO NACIONAL DOCUMENTOS APROVADOS:

Pareceres sobre as teses: «Operários fardados», «O produtor coerente nos crimes capitalistas», «Lei das Associações», «Criação dum diário sindicalista no Norte», «Actos anti-sociais» e «Criação dum cofre de resistência em caso de greve».

Foram distribuídos a estes sub-comissões os seguintes trabalhos: Tese da associação dos Pedreiros de Lisboa, sobre «Operários fardados»; tese da associação dos Estofadores do Porto, com o título «O produtor coerente nos crimes capitalistas»; tese da 2.ª secção da U. O. N., sobre a lei das associações; tese da associação dos fideleiros do Porto, sobre a criação de um diário sindicalista no Norte; tese da Liga das Artes Gráficas do Porto, sobre a prática de actos anti-sociais; e tese da Associação dos Curtidores de Sola e Artes Correlativas de Alcanena, sobre a criação de um cofre de resistência em caso de greve.

Achou esta sub-comissão muito judiciosas as considerações feitas na tese da Associação dos Pedreiros. Termina este trabalho pelas seguintes conclusões:

1.º Reconhece o Congresso vantagem em que a organização operária crie a instituição do subúrbio dos soldados, com o fim de mantê-los e estimular a solidariedade entre os operários sindicados que são chamados à vida militar, para com as reivindicações levadas a cabo pelos sindicatos?

2.º Depois de instituído este organismo, no caso de perseguição aos nossos camaradas, é devido da parte da Confederação Geral do Trabalho, a fim de que esta seja activa, além da ação exterior que manifeste o sindicato a que esse camarada ou camaradas pertencem?

3.º Deve a futura Central dos Sindicatos portugueses tomar a seu cargo a criação das federações de indústria?

4.º Estando a receita dos sindicatos absorvida pelos vários organismos já criados, e também indispensáveis, deve-se estabelecer uma cota mensal suplementar a cada associado, ou deve-se tirar uma percentagem da cobrança total de cada sindicato?

Esta sub-comissão é de parecer que o Congresso deve responder afirmativamente ao primeiro e segundo quesitos.

Quanto ao terceiro, é de parecer que a criação da instituição *O Vintém do Soldado* é da competência da C. G. T. e não das Federações de Indústria.

5.º Estando a receita dos sindicatos absorvida pelos vários organismos já criados, e também indispensáveis, deve-se estabelecer uma cota mensal suplementar a cada associado, ou deve-se tirar uma percentagem da cobrança total de cada sindicato?

6.º Que todos os indivíduos obrangidos pela exposição feita e que exercem a sua actividade em oficinas, armazéns ou locais de produção, terão o dever de fazer constar à sua associação da classe, sindicato ou união local, qualquer produto ou venda de gênero que possa prejudicar a nossa classe?

7.º Que os organizados operários que trabalham em oficinas e lojas de venda de géneros que afectem a saúde do consumidor, consigam por todos os meios evitar que essa mesma produção ou venda se realize, devendo tomar na devida atenção os interesses materiais dos indivíduos que fornecem vitimas da sua dedicação para o consumidor?

8.º Que os artes gráficos seja peditado todo o seu valioso auxílio, para que dentro das oficinas se oponham à publicação de matérias que possa prejudicar a nossa dignidade de trabalhadores conscientes?

9.º Que as organizações operárias que trabalham em oficinas e lojas de venda de géneros que afectem a saúde do consumidor, consigam por todos os meios evitar que essa mesma produção ou venda se realize, devendo tomar na devida atenção os interesses materiais dos indivíduos que fornecem vitimas da sua dedicação para o consumidor?

10.º Que os artes gráficos seja peditado todo o seu valioso auxílio, para que dentro das oficinas se oponham à publicação de matérias que possa prejudicar a nossa dignidade de trabalhadores conscientes?

11.º Que os artes gráficos seja peditado todo o seu valioso auxílio, para que dentro das oficinas se oponham à publicação de matérias que possa prejudicar a nossa dignidade de trabalhadores conscientes?

12.º Que os artes gráficos seja peditado todo o seu valioso auxílio, para que dentro das oficinas se oponham à publicação de matérias que possa prejudicar a nossa dignidade de trabalhadores conscientes?

13.º Que os artes gráficos seja peditado todo o seu valioso auxílio, para que dentro das oficinas se oponham à publicação de matérias que possa prejudicar a nossa dignidade de trabalhadores conscientes?

14.º Que os artes gráficos seja peditado todo o seu valioso auxílio, para que dentro das oficinas se oponham à publicação de matérias que possa prejudicar a nossa dignidade de trabalhadores conscientes?

15.º Que os artes gráficos seja peditado todo o seu valioso auxílio, para que dentro das oficinas se oponham à publicação de matérias que possa prejudicar a nossa dignidade de trabalhadores conscientes?

16.º Que os artes gráficos seja peditado todo o seu valioso auxílio, para que dentro das oficinas se oponham à publicação de matérias que possa prejudicar a nossa dignidade de trabalhadores conscientes?

17.º Que os artes gráficos seja peditado todo o seu valioso auxílio, para que dentro das oficinas se oponham à publicação de matérias que possa prejudicar a nossa dignidade de trabalhadores conscientes?

18.º Que os artes gráficos seja peditado todo o seu valioso auxílio, para que dentro das oficinas se oponham à publicação de matérias que possa prejudicar a nossa dignidade de trabalhadores conscientes?

19.º Que os artes gráficos seja peditado todo o seu valioso auxílio, para que dentro das oficinas se oponham à publicação de matérias que possa prejudicar a nossa dignidade de trabalhadores conscientes?

20.º Que os artes gráficos seja peditado todo o seu valioso auxílio, para que dentro das oficinas se oponham à publicação de matérias que possa prejudicar a nossa dignidade de trabalhadores conscientes?

21.º Que os artes gráficos seja peditado todo o seu valioso auxílio, para que dentro das oficinas se oponham à publicação de matérias que possa prejudicar a nossa dignidade de trabalhadores conscientes?

22.º Que os artes gráficos seja peditado todo o seu valioso auxílio, para que dentro das oficinas se oponham à publicação de matérias que possa prejudicar a nossa dignidade de trabalhadores conscientes?

23.º Que os artes gráficos seja peditado todo o seu valioso auxílio, para que dentro das oficinas se oponham à publicação de matérias que possa prejudicar a nossa dignidade de trabalhadores conscientes?

24.º Que os artes gráficos seja peditado todo o seu valioso auxílio, para que dentro das oficinas se oponham à publicação de matérias que possa prejudicar a nossa dignidade de trabalhadores conscientes?

25.º Que os artes gráficos seja peditado todo o seu valioso auxílio, para que dentro das oficinas se oponham à publicação de matérias que possa prejudicar a nossa dignidade de trabalhadores conscientes?

26.º Que os artes gráficos seja peditado todo o seu valioso auxílio, para que dentro das oficinas se oponham à publicação de matérias que possa prejudicar a nossa dignidade de trabalhadores conscientes?

27.º Que os artes gráficos seja peditado todo o seu valioso auxílio, para que dentro das oficinas se oponham à publicação de matérias que possa prejudicar a nossa dignidade de trabalhadores conscientes?

28.º Que os artes gráficos seja peditado todo o seu valioso auxílio, para que dentro das oficinas se oponham à publicação de matérias que possa prejudicar a nossa dignidade de trabalhadores conscientes?

29.º Que os artes gráficos seja peditado todo o seu valioso auxílio, para que dentro das oficinas se oponham à publicação de matérias que possa prejudicar a nossa dignidade de trabalhadores conscientes?

30.º Que os artes gráficos seja peditado todo o seu valioso auxílio, para que dentro das oficinas se oponham à publicação de matérias que possa prejudicar a nossa dignidade de trabalhadores conscientes?

31.º Que os artes gráficos seja peditado todo o seu valioso auxílio, para que dentro das oficinas se oponham à publicação de matérias que possa prejudicar a nossa dignidade de trabalhadores conscientes?

32.º Que os artes gráficos seja peditado todo o seu valioso auxílio, para que dentro das oficinas se oponham à publicação de matérias que possa prejudicar a nossa dignidade de trabalhadores conscientes?

33.º Que os artes gráficos seja peditado todo o seu valioso auxílio, para que dentro das oficinas se oponham à publicação de matérias que possa prejudicar a nossa dignidade de trabalhadores conscientes?

34.º Que os artes gráficos seja peditado todo o seu valioso auxílio, para que dentro das oficinas se oponham à publicação de matérias que possa prejudicar a nossa dignidade de trabalhadores conscientes?

35.º Que os artes gráficos seja peditado todo o seu valioso auxílio, para

A CRUZADA SOCIAL

Eu não sei bem ainda o que pensam fazer os indivíduos que há umas semanas vêm pedindo dinheiro aos operários para a realização, dizem eles, dumha bela iniciativa. E não sei, porque ainda não vi em público um programa, um plano que pudesse habilitar-me a julgar, bem ou mal, da instituição referida.

Sei, porém, e isso tenho deduzido do que sobre o assunto tenho lido nas notícias dos jornais, que se trata de uma *prestiosa* e *altruista* corporação que, segundo os seus poucos propagadores, é altamente necessária e imensamente útil pelos benefícios que traz para a classe operária. Mas isto não basta. Eu desejaria saber mais. É preciso que os organizadores da "cruzada" nos digam até onde pensam ir e o que querem fazer.

Será boa, será realizável a empresa?

Será utópia e produto apenas da imaginação dos iniciadores?

Só como fôr, o necessário é que se diga, antes de se pedir dinheiro, de abrigar quaisquer fazer subscrições, clara e abertamente, com que fim elas se promovem.

Desculpem-me os camaradas da cruzada social, que, sem querer de modo alguma melindrá-los, os não felicite pria iniciativa, para mim, se mantém ainda de um tanto obscura.

O assunto é importissímo. A empresa tal como tem mostrado é bastante complexa e difícil.

Quem consultaram os seus organizadores para a pôrem em prática?

Como pensam elles obter o numerário indispensável, que entidade figura como garantia da cotização dos subscritores?

Não vejam um ataque nas minhas observações. Não conheço bem a empresa, e creio que ninguém a conhece, e é exactamente por isso que desejaria ver a causa bastante clara porque, mesmo não a conhecendo, a suponho importante.

Querem os organizadores da "Cruzada social", segundo dum nosso prospecto que agora me chega às mãos, levar à prática a "criação dum posto de socorros e uma enfermaria modelo — a Casa de saúde do proletariado português".

Vejam, portanto, que dum estabelecimento de saúde se trata, e, conquanto não repute a empresa de primeira necessidade no presente momento, não deixo, todavia, de lhes reconhecer utilidade, pois tem-na todas as empresas deste género.

Mas a par da pequena utilidade que sou forçado a reconhecer-lhe, não vejo a possibilidade de organização da "casa de saúde".

Criação dum posto de socorros e duma enfermaria modelo, diz o prospecto. Ora devemos confessar que não é de postos de socorros que nós mais necessitamos. As instituições desse género já existentes são suficientes, a meu ver, para execução do trabalho que lhes está confiado. E não me sóa bem que digamos pretender tratar dum posto de socorros operário, pois não compreendo que fossemos socorrer um operário atropelado, por exemplo, deixando morrer o patrão que igualmente tivesse sido vítima de qualquer desastre.

Efectivamente, os serviços de saúde, entre nós, péssimos, mas os serviços oficiais, os serviços hospitalares. E então sim. A iniciativa seria proveitosa, criando hospitais onde os operários, que são os que a elas recorrem e deles necessitam, encontrassem um tratamento perfeito e completo, que não lhes proporcionam os hospitais do Estado.

Mas julga a comissão da "Cruzada Social" possível a realização dessa obra?

Quanto supõe ela ser necessário para a criação da "casa de saúde" nestas condições?

Quanto calcula que o Estado gasta com os deficientíssimos serviços hospitalares?

Julgá-la possível a "Cruzada Social" amontoar dum ou três mil contos para poder, eficacemente, dar execução à projectada obra?

Limito-me a formular as perguntas a que gostaria que a comissão respondesse.

E continuo a ler o prospecto por elas dirigido.

Inscrivei-vos como sócios — diz — pois dela depende a vossa força moral e activa em prol desta organização genuinamente operária e colectivamente aduca ora."

Permitam-me que confesse, com a maior franqueza, que não percebo o que dizem. Mais parece-me, pela frase última do período transcrito, que se trata, simultaneamente, dum organismo colectivamente educador.

E porque não consigo perceber, por mais esforços que faça nesse sentido, quais os fins da "Cruzada" e que meios ela pensa seguir para os atingir, furtame a maiores comentários, que terrei muito gosto em fazer logo que seja elucidados os pontos que apresento e que, repito, se me afiguram bastante obscuros.

E, terminando pelo princípio, volto a lembrar que isto de pedir dinheiro para determinada empresa require sempre muito escrupulo, muito cuidado e muita clareza.

G. GONÇALVES

INDÚSTRIA DE CALÇADO, COUROS E PELES

Ainda o seu II Congresso

Presidiu à segunda sessão o camara de Julio de Campos, secretariado por Francisco Xavier Pereira e José de Almeida.

Antes da ordem foi aprovado um protesto contra a expulsão do país do camara de Parente, resolvendo-se recuar a anulação de tal medida.

Entraram em discussão os estatutos da Federação, tomando parte nelas todos os delegados, ficando o organismo federal com o título seguinte: "Federação da Indústria de Calçado de Couros e Peles em Portugal e Colônias".

A discussão dos estatutos levou a uma sessão, que terminou ás 9 horas, marcando-se a 3.ª sessão para o dia seguinte ás 9.

Efectivamente ás 9 horas abriu a 2.ª sessão presidida por Manuel Inácio Horta secretariado por Agostinho Matafome e João Magalhães. Procedeu-se à chamada, verificando-se estarem presentes todos os delegados. Antes da ordem é lido um telegrama da *Batalha* saudando o Congresso. Entrou-se na ordem dos trabalhos pela leitura da tese, "Uniformidade de salários" sobre ela os camaradas Manuel Caetano de Sousa, que manda para a mesa uma exposição sobre a forma de ver do sindicato que representa, Agostinho Matafome que apresenta uma proposta sobre a doutrina da tese, discordando do Manuel Joaquim de Souza e outros delegados pelo que o proponente retirou a proposta. Falam ainda sobre a tese Júlio de Campos e Bento da Cruz propondo este último uma emenda ao n.º 4 que é aprovada.

Fazem depois várias considerações ao documento em discussão os camaradas Manuel Joaquim de Souza, Norberto Teixeira de Carvalho e Jerónimo de Sousa, membro da comissão. Foram aprovadas as conclusões da tese, com a emenda de Bento da Cruz, sendo interrompida a sessão por duas horas. Ás 14 horas volta a fazer-se a chamada verificando-se estarem presentes todos os delegados. E' comunicado ao congresso o texto do telegrama enviado ao governo reclamando a liberdade de presos por questões sociais e anulações do decreto de expulsão de Artur Parente. O camarada Norberto Teixeira de Carvalho, ficou incumbido de apresentar uma emenda ao decreto de expulsão de Artur Parente.

Querem os organizadores da "Cruzada social", segundo dum nosso prospecto que agora me chega ás mãos, levar à prática a "criação dum posto de socorros e uma enfermaria modelo — a Casa de saúde do proletariado português".

Vejam, portanto, que dum estabelecimento de saúde se trata, e, conquanto não repute a empresa de primeira necessidade no presente momento, não deixo, todavia, de lhes reconhecer utilidade, pois tem-na todas as empresas deste género.

Mas a par da pequena utilidade que sou forçado a reconhecer-lhe, não vejo a possibilidade de organização da "casa de saúde".

Criação dum posto de socorros e duma enfermaria modelo, diz o prospecto. Ora devemos confessar que não é de postos de socorros que nós mais necessitamos. As instituições desse género já existentes são suficientes, a meu ver, para execução do trabalho que lhes está confiado. E não me sóa bem que digamos pretender tratar dum posto de socorros operário, pois não compreendo que fossemos socorrer um operário atropelado, por exemplo, deixando morrer o patrão que igualmente tivesse sido vítima de qualquer desastre.

Efectivamente, os serviços de saúde, entre nós, péssimos, mas os serviços oficiais, os serviços hospitalares. E então sim. A iniciativa seria proveitosa, criando hospitais onde os operários, que são os que a elas recorrem e deles necessitam, encontrassem um tratamento perfeito e completo, que não lhes proporcionam os hospitais do Estado.

Mas julga a comissão da "Cruzada Social" possível a realização dessa obra?

Quanto supõe ela ser necessário para a criação da "casa de saúde" nestas condições?

Quanto calcula que o Estado gasta com os deficientíssimos serviços hospitalares?

Julgá-la possível a "Cruzada Social" amontoar dum ou três mil contos para poder, eficacemente, dar execução à projectada obra?

Limito-me a formular as perguntas a que gostaria que a comissão respondesse.

E continuo a ler o prospecto por elas dirigido.

Inscrivei-vos como sócios — diz — pois dela depende a vossa força moral e activa em prol desta organização genuinamente operária e colectivamente aduca ora."

Permitam-me que confesse, com a maior franqueza, que não percebo o que dizem. Mais parece-me, pela frase última do período transcrito, que se trata, simultaneamente, dum organismo colectivamente educador.

E porque não consigo perceber, por mais esforços que faça nesse sentido, quais os fins da "Cruzada" e que meios ela pensa seguir para os atingir, furtame a maiores comentários, que terrei muito gosto em fazer logo que seja elucidados os pontos que apresento e que, repito, se me afiguram bastante obscuros.

E, terminando pelo princípio, volto a lembrar que isto de pedir dinheiro para determinada empresa require sempre muito escrupulo, muito cuidado e muita clareza.

G. GONÇALVES

Ainda a greve ferroviária

A regularização da Caixa de Reformas

Reuniram ontem em sessão conjunta as direções das Cooperativas Almadaense, Piedense, Fenix, 10 de Abril de 1918 e União BragaleNSE, que em nome de 1000 associados representando perto de 5 mil pessoas, vão hoje, junto do sr. ministro das finanças, protestar contra o imposto de 5% lancado sobre as Cooperativas.

Com esta medida vem o governo dificultar mais a vida das Cooperativas agravando assim a situação económica das classes operárias, precisamente num momento em que é necessário combater o assambador.

A. GONÇALVES

Reunião de cooperativas do concelho de Almada

Reuniram ontem em sessão conjunta as direções das Cooperativas Almadaense, Piedense, Fenix, 10 de Abril de 1918 e União BragaleNSE, que em nome de 1000 associados representando perto de 5 mil pessoas, vão hoje, junto do sr. ministro das finanças, protestar contra o imposto de 5% lancado sobre as Cooperativas.

Com esta medida vem o governo dificultar mais a vida das Cooperativas agravando assim a situação económica das classes operárias, precisamente num momento em que é necessário combater o assambador.

A. GONÇALVES

Agressões e queda

Reuniram ontem no posto do Terceiro do Poco Joaquim Nicolau, 22 anos, desenhador residente no Poço do Bispo, rua José Patrocínio, que, em Braço de Prata, foi agredido á cacetada ficando ferido na cabeça; João Lopes da Cunha, 35 anos, fregateiro, que, na calçada da Cadeia, Rua da Glória, deu uma queda, fracturando o braço direito e Manuel Esteves, 20 anos, marítimo, residente na rua de São Paulo, 230, 3.º que, na Ribeira Nova, foi agredido com uma facada nas costas.

A. GONÇALVES

Uma comissão de ferroviários

fala com o governo — Os

"amarelhos"

A comissão de melhoramentos da classe ferroviária, voltou ontem a procurar o presidente do ministério para apresentar o seu projeto de regulamentação das bases apresentadas pelos ferroviários para uma Caixa Geral de Socorros, Reformas e Pensões, os delegados do pessoal das Companhias de Caminhos de Ferro.

Nessa reunião os delegados do pessoal declararam que não estavam autorizados a modificar as bases propostas, na parte respeitante á fusão de todas as Caixas e à administração mista, conforme o presidente da Comissão de Caminhos de Ferro.

Na reunião, os delegados do pessoal

apresentaram o seu projeto de regulamentação das bases propostas.

Na reunião, os delegados do pessoal

apresentaram o seu projeto de regulamentação das bases propostas.

Na reunião, os delegados do pessoal

apresentaram o seu projeto de regulamentação das bases propostas.

Na reunião, os delegados do pessoal

apresentaram o seu projeto de regulamentação das bases propostas.

Na reunião, os delegados do pessoal

apresentaram o seu projeto de regulamentação das bases propostas.

Na reunião, os delegados do pessoal

apresentaram o seu projeto de regulamentação das bases propostas.

Na reunião, os delegados do pessoal

apresentaram o seu projeto de regulamentação das bases propostas.

Na reunião, os delegados do pessoal

apresentaram o seu projeto de regulamentação das bases propostas.

Na reunião, os delegados do pessoal

apresentaram o seu projeto de regulamentação das bases propostas.

Na reunião, os delegados do pessoal

apresentaram o seu projeto de regulamentação das bases propostas.

Na reunião, os delegados do pessoal

apresentaram o seu projeto de regulamentação das bases propostas.

Na reunião, os delegados do pessoal

apresentaram o seu projeto de regulamentação das bases propostas.

Na reunião, os delegados do pessoal

apresentaram o seu projeto de regulamentação das bases propostas.

Na reunião, os delegados do pessoal

apresentaram o seu projeto de regulamentação das bases propostas.

Na reunião, os delegados do pessoal

apresentaram o seu projeto de regulamentação das bases propostas.

Na reunião, os delegados do pessoal

apresentaram o seu projeto de regulamentação das bases propostas.

Na reunião, os delegados do pessoal

apresentaram o seu projeto de regulamentação das bases propostas.

Na reunião, os delegados do pessoal

apresentaram o seu projeto de regulamentação das bases propostas.

Na reunião, os delegados do pessoal

apresentaram o seu projeto de regulamentação das bases propostas.

Na reunião, os delegados do pessoal

apresentaram o seu projeto de regulamentação das bases propostas.

Na reunião, os delegados do pessoal

apresentaram o seu projeto de regulamentação das bases propostas.

Na reunião, os delegados do pessoal

apresentaram o seu projeto de regulamentação das bases propostas.

Na reunião, os delegados do pessoal

TRIBUNA SINDICALISTA

A oposição de interesses que existe nas sociedades actuais depende exclusivamente da direcção patronal

O industrialismo não actuou sómente sobre a classe operária; determinou também múltiplas repercuções que agravaram consideravelmente as condições de existência da classe média. Esta classe compreende:

a) Os patrões que tem as indústrias de consumo das cidades;

b) Os negociantes locais;

c) Os pequenos agricultores;

d) As pessoas que exercem profissões liberais;

e) A maioria dos funcionários civis e militares.

a) A maneira por que os pequenos patrões empregaram o industrialismo agravou-lhes muito a situação económica. Cada vez padece mais com a liberdade de indústria, a concorrência, a diminuição dos lucros. Considerável número deles são todos os anos arruinados pela falência e lançados, apesar de todos os seus esforços, no proletariado.

b) Os pequenos negociantes das cidades, que vendem os produtos enterrados, relativos ao vestuário, à alimentação, vêem a sua situação cada vez mais comprometida pela concorrência. De facto, os grandes capitalistas criaram duas novas categorias de armazéns de venda: uns sem currais, como por exemplo, o *Printemps*, o *Bon-Marché*, o *Louvre*; outros com currais que se estendem por uma região inteira. Tais estabelecimentos fabricam parte das suas mercadorias ou tratam directamente com os produtores; instalados em prédios que lhes pertencem, operando em grande escala só tem, relativamente à sua soma de negócios, despesas gerais mínimas. Nestas condições arruinam vertiginosamente o pequeno comércio local.

De há certo tempo, mesmo, a situação dos comerciantes agravou-se de forma geral, tanto manifesta, que elas próprias julgaram dever iniciar a reunião de congressos, conhecidos por congressos das classes médias, nos quais discutiram as provisões que, segundo creem, seriam capazes de lhes melhorar a posição.

Uma tal tentativa só serve para demonstrar a profunda ignorância económica daqueles que a fazem. Todas as provisões que elas possam tomar permanecerão ilusórias enquanto persistir o regime patronal. São elas próprios, os patrões, — e não o compreendem — a causa inicial única das perturbações económicas que os prejudicam, e para as fazer cessar seria necessário que suprimissem a direcção patronal, quer dizer, que se suprimissem a mesma.

c) — Em todos os países de solo retulado tem os pequenos agricultores que lutam contra múltiplas dificuldades que se não produzem noutros tempos, tais como a concorrência estrangeira e a grande cultura; os preços de compra que os industriais e os especuladores em géneros alimentícios, lhes querem impor; as hipóteses quirógraficas para, a pequena propriedade as rendentes a dez bilhões. Tais condições económicas engendram para muitos a ruína, a venda dos bens, e repercuções mais ou menos dolorosas.

d) — Nas profissões liberais a situação também é má. Os dirigentes, no seu próprio interesse, a fim de terem um pessoal técnico, engenheiros, professores, etc., por baixo preço, multiplicaram o número dos estabelecimentos científicos, e ai, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emprego com todas as repercuções lastimáveis que tais perturbações económicas comportam.

e) — O Estado não quer nem pode conceder ordenados mais elevados que os que pode dar a classe patronal. Por isso os pequenos funcionários, os empregados, os professores do ensino primário e secundário, os oficiais, cujo número aumentou em enormes proporções, se queixam da insuficiência dos seus ordenados, da dificuldade crescente de achar lugares, da morosidade na produção, e de toda a espécie de injustiças que sofrem.

As duas últimas categorias, profissões liberais e funcionários, fornecem um certo número de indivíduos, que não podem achar ocupação, vivem, em geral, durante longos períodos, de toda a casta de expedientes; formam até um grupo social novo: os deslocados.

O único meio de suprimir a concorrência, a insuficiência dos lucros, as fábricas, é, claramente, suprimir-lhes as causas: a direcção patronal e a multiplicidade de empresas. O industrialismo moderno, portanto, coloca os pequenos patrões, os pequenos cultivadores e as profissões liberais na mesma alternativa que a classe operária: ou continuar a sofrer todas as perturbações, ou instaurar a direcção sindical da produção social. Por isso a classe média está fatalmente destinada a mancar-se cada vez mais com os operários.

X

Os comerciantes que em cada cidade representam a mesma comunidade, não tendes razão. A Terra dá o suficiente, e até de sobra, para alimentar todos os seus filhos, e se hoje uns passam fome, morrendo tuberculosos, e outros rebentam de farta, é devido ao rapinante regime de propriedade privada, individual, o mais revoltante de todos os roubos, o mais baixo de todos os expedientes.

De facto, a Terra é mais generosa e farta. E se não fôr a certeza, por ela adquirida, de poder alinhar uberrimamente todos os seus filhos, não seria o motivo do seu nascimento. Todas as mães, quando não anormais, criam os filhos que dão à luz. Não havia a Terra de criá-los? Nessa afirmação errada está toda a condenação do iniquo sistema que vos agradaria a manter com a vossa indiferença ou com o vosso apoio.

Só a América, ficou sabendo, pode alimentar todos os homens! A América, que possui 40 milhões de quilômetros quadrados (quatro vezes mais do que a Europa), possui ainda há pouco tempo apenas 135 milhões de seres humanos. Para vêres bem a diferença atende a isto: ja Europa, possuindo apenas 10 milhões de quilômetros quadrados, alimentava há pouco tempo 380 milhões de seres humanos! A América, poi, rouba pelos capitalistas às alegrias da espécie, pode sustentar todos os componentes da Humanidade, que se compõe de 1.800 milhões de indivíduos na altitude em que foi elaborada a última estatística respectiva.

O leitor, encontrar-me há porventura massador, desviando-me por vezes do assunto. Tenha paciência: é tal o meu desejo de demonstrar o crime da burguesia, que, esquecendo-me de tratar exclusivamente do assunto *após a revolução*, me embreno em citações várias, por vezes. Tenha paciencia, repito. Há uma criminosa insigne a julgar, que é a sociedade burguesa, que é redonda a mandar para as galés, que é o pacto actual dos homens, e eu jurei ser tremando no meu *je susse*, com o fim de obter uma formal condenação para esse

Se, pois, adquirimos a certeza que só a América pode manter todos os habitantes do globo, como não nos sentimos indignados ante a ignara afirmação constantemente lançada em nosso rosto por patetas das luminárias, de que as guerras são necessárias em virtude de existirem indivíduos a mais? Totos ignorantes! Totos e ignorantes, sim, porque, não refletindo, não sabem que a Natureza possui a chave reguladora da existência humana. De facto, sempre que a Natureza se convençesse da impossibilidade do sustento de todos os seus filhos, ela mesmo limitaria os nascimentos, pois sóbrio como é, a tudo pode atender. Não é assim? E' tal: Não é certo existem tantos casais cuja númera de filhos é muito limitado? E' não é certo que esse limite de produção é quasi sempre a consequência das leis naturais, embora seja por vezes, bem o sei, a consequência das dificuldades económicas?

Neste interessante caso dos nascimentos, não-só tantas vezes o seguiu: alguns casais, desejando posuir filhos, não têm nenhum; outros, não podendo manter mais do que um ou dois por motivo da tirania económica, vêem-se obrigados à cruz duma diária deles. Não é assim? E' tal. Se, por exemplo, está bem que o sr. Bernardino Machado se sinta orgulhoso da sua produção, o que é certo é que a burguesia, a antagónica dos patrões que em cada cidade exercem a mesma indústria, o mesmo comércio ou o mesmo mestre. A maior parte das envejas e dos ditames que existem nas pequenas localidades provêm da oposição de interesses.

E) — *A oposição entre as casas similares.* — A multiplicidade de empresas é, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emprego com todas as repercuções lastimáveis que tais perturbações económicas comportam.

f) — *A oposição entre as casas similares.* — A multiplicidade de empresas é, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emprego com todas as repercuções lastimáveis que tais perturbações económicas comportam.

g) — *A oposição entre as casas similares.* — A multiplicidade de empresas é, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emprego com todas as repercuções lastimáveis que tais perturbações económicas comportam.

h) — *A oposição entre as casas similares.* — A multiplicidade de empresas é, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emprego com todas as repercuções lastimáveis que tais perturbações económicas comportam.

i) — *A oposição entre as casas similares.* — A multiplicidade de empresas é, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emprego com todas as repercuções lastimáveis que tais perturbações económicas comportam.

j) — *A oposição entre as casas similares.* — A multiplicidade de empresas é, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emprego com todas as repercuções lastimáveis que tais perturbações económicas comportam.

k) — *A oposição entre as casas similares.* — A multiplicidade de empresas é, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emprego com todas as repercuções lastimáveis que tais perturbações económicas comportam.

l) — *A oposição entre as casas similares.* — A multiplicidade de empresas é, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emprego com todas as repercuções lastimáveis que tais perturbações económicas comportam.

m) — *A oposição entre as casas similares.* — A multiplicidade de empresas é, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emprego com todas as repercuções lastimáveis que tais perturbações económicas comportam.

n) — *A oposição entre as casas similares.* — A multiplicidade de empresas é, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emprego com todas as repercuções lastimáveis que tais perturbações económicas comportam.

o) — *A oposição entre as casas similares.* — A multiplicidade de empresas é, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emprego com todas as repercuções lastimáveis que tais perturbações económicas comportam.

p) — *A oposição entre as casas similares.* — A multiplicidade de empresas é, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emprego com todas as repercuções lastimáveis que tais perturbações económicas comportam.

q) — *A oposição entre as casas similares.* — A multiplicidade de empresas é, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emprego com todas as repercuções lastimáveis que tais perturbações económicas comportam.

r) — *A oposição entre as casas similares.* — A multiplicidade de empresas é, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emprego com todas as repercuções lastimáveis que tais perturbações económicas comportam.

s) — *A oposição entre as casas similares.* — A multiplicidade de empresas é, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emprego com todas as repercuções lastimáveis que tais perturbações económicas comportam.

t) — *A oposição entre as casas similares.* — A multiplicidade de empresas é, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emprego com todas as repercuções lastimáveis que tais perturbações económicas comportam.

u) — *A oposição entre as casas similares.* — A multiplicidade de empresas é, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emprego com todas as repercuções lastimáveis que tais perturbações económicas comportam.

v) — *A oposição entre as casas similares.* — A multiplicidade de empresas é, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emprego com todas as repercuções lastimáveis que tais perturbações económicas comportam.

w) — *A oposição entre as casas similares.* — A multiplicidade de empresas é, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emprego com todas as repercuções lastimáveis que tais perturbações económicas comportam.

x) — *A oposição entre as casas similares.* — A multiplicidade de empresas é, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emprego com todas as repercuções lastimáveis que tais perturbações económicas comportam.

y) — *A oposição entre as casas similares.* — A multiplicidade de empresas é, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emprego com todas as repercuções lastimáveis que tais perturbações económicas comportam.

z) — *A oposição entre as casas similares.* — A multiplicidade de empresas é, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emprego com todas as repercuções lastimáveis que tais perturbações económicas comportam.

aa) — *A oposição entre as casas similares.* — A multiplicidade de empresas é, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emprego com todas as repercuções lastimáveis que tais perturbações económicas comportam.

ab) — *A oposição entre as casas similares.* — A multiplicidade de empresas é, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emprego com todas as repercuções lastimáveis que tais perturbações económicas comportam.

ac) — *A oposição entre as casas similares.* — A multiplicidade de empresas é, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emprego com todas as repercuções lastimáveis que tais perturbações económicas comportam.

ad) — *A oposição entre as casas similares.* — A multiplicidade de empresas é, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emprego com todas as repercuções lastimáveis que tais perturbações económicas comportam.

ae) — *A oposição entre as casas similares.* — A multiplicidade de empresas é, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emprego com todas as repercuções lastimáveis que tais perturbações económicas comportam.

af) — *A oposição entre as casas similares.* — A multiplicidade de empresas é, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emprego com todas as repercuções lastimáveis que tais perturbações económicas comportam.

ag) — *A oposição entre as casas similares.* — A multiplicidade de empresas é, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emprego com todas as repercuções lastimáveis que tais perturbações económicas comportam.

ah) — *A oposição entre as casas similares.* — A multiplicidade de empresas é, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emprego com todas as repercuções lastimáveis que tais perturbações económicas comportam.

ai) — *A oposição entre as casas similares.* — A multiplicidade de empresas é, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emprego com todas as repercuções lastimáveis que tais perturbações económicas comportam.

aj) — *A oposição entre as casas similares.* — A multiplicidade de empresas é, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emprego com todas as repercuções lastimáveis que tais perturbações económicas comportam.

ak) — *A oposição entre as casas similares.* — A multiplicidade de empresas é, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emprego com todas as repercuções lastimáveis que tais perturbações económicas comportam.

al) — *A oposição entre as casas similares.* — A multiplicidade de empresas é, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emprego com todas as repercuções lastimáveis que tais perturbações económicas comportam.

am) — *A oposição entre as casas similares.* — A multiplicidade de empresas é, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emprego com todas as repercuções lastimáveis que tais perturbações económicas comportam.

an) — *A oposição entre as casas similares.* — A multiplicidade de empresas é, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emprego com todas as repercuções lastimáveis que tais perturbações económicas comportam.

ao) — *A oposição entre as casas similares.* — A multiplicidade de empresas é, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emprego com todas as repercuções lastimáveis que tais perturbações económicas comportam.

ap) — *A oposição entre as casas similares.* — A multiplicidade de empresas é, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emprego com todas as repercuções lastimáveis que tais perturbações económicas comportam.

aq) — *A oposição entre as casas similares.* — A multiplicidade de empresas é, como em todas as categorias, de trabalhadores, a falta de organização profissional origina a concorrência, o rebatimento, dos honorários, a carência de emp

N.º 208 de A BATALHA Folhetim N.º 17

O CALVÁRIO

POR
OCTUBRE MIRBEAU

III

Já não era o Amor frisado, empastado, entelado, que vai desfalecido, com uma rosa nos lábios, por noites lindas de luar, tanger a guitarra sob os balões; era o Amor manchado de sangue, ébrio de perversões, o Amor de furos onanistas, o Amor maldito que se enrosca ao homem com a sua guela em forma de ventosa e lhe dissecava as veias, lhe suga a medula, lhe descarna os ossos.

Para dar aos seus personagens maior intensidade de horror, para fazer pesar sobre elas maldição mais irremediável ainda, fazia-os sobressair de fundos suas, sorridentes, de uma claridade triunfal, de paisagens azuis e cós de rosa, com longos entrecidos, glórias dos solos, radiosas profundezas de mar. Em tordeles, a natureza resplandecia com to-

da a sedução das suas cambiantes e das suas cores delicadas...

A primeira vez em que ele apareceu, com um grupo de amigos, em uma exposição livre, a crítica e a multidão que o inspira soltaram clamores de indignação. Mais a colera durou pouco — há uma espécie de nobreza de generosidade na colera — e contentaram-se com rir. Depressa, a *blague*, que exprime sempre a média da opinião, em um jacto de saliva imunda substituiu a ameaça dos braços estendidos.

Então, diante das obras soberbas de Lirat, torciam-se, segurando as costas com as duas mãos. Gente espirituosa e alegre depunha *sous* no rebordo das molduras, como se fosse no chapéu de um parafítico, e este sport — porque se havia tornado um sport — para os homens de melhor gosto e do melhor mundo — achavam-no encantador. Nos jornais, nos *ateliers*, nos salões, nos círculos, nos cafés, o nome de Lirat servia de termo de comparação, de estalo obrigatório, desde que se tratasse de designar uma loucura ou uma porcaria; parecia mesmo que as mulheres — e as meninas também — não podiam pronunciar, sem se ruborizarem, este nome excedendo. As revistas do ano arrastaram-no, no vómito das suas coplas, e figuraçõeis de canções de café-contado:

— Deixem-me em paz!... A pintura fez-se, acaso, para ser exposta? Cada um deve trabalhar para si próprio, para dous ou três amigos vivos e para outros que a gente não conheceu e que morreram... Poe, Baudelaire, Dostoevsky, Shakespeare... Entendem?... O resto!... Sim! O resto que o que é? E! Bouquerreau.

Tendo de restringir as suas necessidades ao indispensável, vivia do seu pouco com uma admirável e toante dignidade. Desde que ganhasse para comprar os pincéis, as tintas e as telas, para pagar ao senhorio e aos modelos, para fazer, em cada ano, uma viagem de estudo, não queria mais. O dinheiro não o tentava, e estou convencido que não aspirava ao sucesso. Mas, se o sucesso fosse ao seu encontro, estou também convicto de que Lirat não podia resistir à alegria humana de saborear as suas malfezes delícias. Apesar de não querer convir nisso; apesar de que afectava afrontar alegremente a in-

justiça, sentia-a mais do que qualquer outro, e, no íntimo, sofria cruelmente. Como havia sofrido o insulto, sofre o silêncio. Uma só vez, um crítico publicou a seu respeito, em um jornal muito lido, um artigo entusiasta e pomposo. O artigo estava cheio de boas intenções, de banalidade e de erros; via-se que o seu autor não estava muito familiarizado com as coisas da arte, e que não comprendia nada do talento do grande artista.

— Leste?... gritava Lirat. — Leste? Hein? Que dizes?... Estes críticos, que cretinos?... A força de falarem de mim, verás que me obrigarão a pintar em um subterrâneo... Parece que me tomam por um vulgarizar!... E depon, que têm eles com isso? com que eu pinte, faça botas ou sapatos de ouro?... Isto é da vida privada de cada qual!

Tinha guardado o artigo em uma gaveta, e diversas vezes o surpreendi, relendo-o... Ele dizia, com supremo desapeno, quando nós nos indignavamos contra a estupidez do público: «Então, que?... Queriam talvez que o povo fizesse uma revolução, por eu pintar em claro?...»

Este desmedido pela notoriedade, esta resignação aparente, mascarava os seus rancores surdos. No fundo daquela alma muito terna, muito generosa, estavam acumulados ódios formidáveis, que transbordavam sobre toda a gente em gracejos maliciosos e terríveis.

Se o seu talento tinha ganho força com isso, em compensação o seu carácter tinha perdido, um pouco da sua

nobreza original, do seu espírito crítico, da sua penetração e da sua nitidez. Chegava a abandonar-se a exageros de maledicência, que o podiam tornar odioso; por vezes, eram infantilidades que lhe davam uma ponta de ridículo.

Os grandes espíritos têm quase sempre pequenas fraquezas: é uma lei misteriosa da natureza, e Lirat não escapava a ela. Sobre tudo todo bem estabelecia a sua reputação de maledicente. Ele suportava muito bem que lhe desdenhassem o talento, mas que lhe contestassem a propriedade de fazer tremer a humanidade, com uma palavra, isso é que ele nunca poderia tolerar!

Para se vingarem das pinturas causticas com que ele os estigmatizava, os inimigos de Lirat atribuíam-lhe vísceras contra natureza; outros, simplesmente, alculhavam-no de epileptico, e estas calúnias grosseiras e cobardes, aumentadas todos os dias com comentários engenhosos, entretecedes de histórias «certas» que davam a volta aos *ateliers*, encontravam vontades admiravelmente dispostas para as acolher e para as espalhar, esta pelo próprio rancor, aquela pelas incongruências de linguagem do pintor.

— Sabem?... Lirat tem ontem um ataque; desta vez foi na rua.

E citavam o nome de pessoas respeitáveis, de membros do Instituto que haviam assistido à cena e que o tinham visto salvando espuma ou rolar na lama, ladrando.

Devo confessar que eu próprio, no começo das minhas relações com ele,

estava muito mal disposto por todas estas narrações. Não podia fitar Lirat, sem que me parecesse vê-lo preso das crises espantosas em que diziam ele se tinha debatido. Vítima da miragem que a obcecava da ideia faz nascer, parecia-me muitas vezes descobrir nela sintomas da horrível doença; parecia-me que de repente se tornava livido, que os seus lábios se contraiam, que o corpo se lhes contorcia no espasmo mal-dito, que os seus olhos desvairados, esgaseados, raiados de vermelho, fugiam da luz e proferiam a sombra das coisas profundas, semelhantes aos olhos dos animais encerrados e que vão morrer. E lastimava, não o ver cair, achar, torcer-se, ali, naquele atelier cheio do seu gênio; ali, sob o meu olhar ansioso, que o esperava e que esperava-o! Pobre Lirat! E com tudo, eu estimava-o!..

O dia terminava... Por toda a vila Rodrigues ouvia-se o bater de portas, passos afastarem-se rápidos sobre a calçada; e nos *ateliers*, erguiam-se vozes que cantavam o trabalho acabado. Desde que havia começado a desenhar Lirat não me tinha dirigido a palavraria para rectificar as posições em que eu me conservava quando lhe negava.

— A perna mais para aqui... Mais ainda!... O peito menos encolhido!... Perdoa; meu caro Miniti, mas tu arranjaste umas posições de cevado... Trabalhava com excitação, um pouco ofegante, mordendo incessantemente o bigode e deixando, por vezes, escapar uma praga. O seu lápis mordia a tela

(Continua).

Conselho de Administração da Construção dos Bairros Sociais

Para o fornecimento dos materiais abaixo designados, o C. A. C. B. S. recebe propostas, em carta fechada, até às 14 horas, de 29 do corrente, na sua sede, Rua do Arco do Cego, 54-A.

Na Secretaria do Conselho estão patentes as condições do fornecimento e detalhes respectivos das 11 a 17.

MATERIAIS

45.000 quilos de Cimento Alsand (em barricas).

10	alcofas de prego quadrado	8"	n.º 3
60	"	6"	5
100	"	5"	6
250	"	5"	7
150	"	mi telhado	8
240	"	galeota	9
150	"	1/2 galeota	10
20	"	sétia	11
20	"	fasquiado 5	13

528 peças de cantaria, sendo:

80 vergas, 160 peitoris, 128 cachorros,

128 floreiras, 32 degraus.

Na Secretaria fornecem-se os desenhos respectivos.

1.000 m³ de cascalho ou brita

500 m³ de areia

1.000 m³ de pedra de alvenaria

Todos os materiais serão colocados na sede do 1.º Bairro Social, Quinta das Córtes, Rua do Arco do Cego, devendo os fornecedores declarar nas suas propostas o prazo da entrega.

A abertura das propostas far-se-há na presença dos concorrentes, no dia e hora acima indicados.

Pelo CONSELHO.—O Vogal de Serviço, (a) Alfredo Franco.

A ABASTECEDORA

Companhia Portuguesa — Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada, em organização

Capital inicial: QUINHENTOS MIL ESCUDOS (500 contos)

Podendo elevar-se até dez milhões de escudos (10.000 contos)

em acções liberadas de esc. 10.000

Boa ocasião de comprar barato

Só na SAPATARIA BRASIL ou ROYAL na

Rua da Madalena, 206 a 208 e 210 a 212

é que todos devem comprar o seu calçado com economia

e bom acabamento

SEMPRE SALDOS!

Sortimento de calçado para homem, senhora e criança

DESCONTOS A TODOS OS OPERARIOS

“A Batalha” Chapelaria A SOCIAL

(Hino revolucionário)

Música do maestro Tomás del Negro

e letra do poeta operário João Black

Um lindo folheto com capa artística, 10 centavos.

A venda na administração de A Batalha.

GRANDE NOVIDADE

Cooperativa dos Operários Chapeleiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mesmas em cores lindíssimas, formatos dos mais famosos fabricantes estrangeiros

ESPECIALIDADE EM CHAPEUS DE COCO, SEDA E FLAMÃO

Armazém e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

Estabelecimentos

Séde: 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.º Sucursal: Rua dos Poiais de S. Benito, 74, 74-A.

2.º Sucursal: Rua do Corpo Santo, 29.

3.º Sucursal: Rua do Arco do Marquês de Alegrete, 56, 58.

FÁBRICA DE BONETS

Chapéu modelo Jauréus (Exclusivo) (32)

DINHEIRO

Vende-se calçado de toda a qualidade mais barato e mobilis

Compram-se caucho das Monte-pios Geral e Comercial

COMPRA-SE E VENDE-SE OURO

RUA ALVES CORREA, 171-173 — (Frente R. Carrião) — TEL. 3.256

BENTO, SILVA PINTO, L.

RAZÃO

O mártir de Golgota volta à terra, a observar os frutos produzidos pela sua propaganda revolucionária, há perto de dois mil anos efectuada. Encontra a guerra, o massacre, a pilhagem, a violência. E de novo reconhece predicando a fraternidade, o desinteresse. Os homens de agora, tão bons como os de outrora, não o comprehendem. E Jesus morre, uma segunda vez, no apostolado sublime que o impulsiona. Tal é o motivo da fantasia de Adrian del Valle, fantasia concebida em intuições de evançagismo revolucionária e emancipadora.

Tramways da linha de Sintra-Comboio n.º 1302, 1.ª, 2.ª e 3.ª classes-Sintra, Portugal, 6-10; Algueiri (apud.), 6-17; Merendas (apud.), 6-21; Rio de Mouro (apud.), 6-24; Cascais (apud.), 6-25; Estoril (apud.), 6-27; Queluz, 6-43; Amadora, 6-48; Damata (apud.), 6-52; Benfica, 6-53; S. Domingos (apud.), 6-59; Cruz da Pedra (apud.), 7-01; Campolide, 7-08; Lisboa-R., chegada, 7-12.

Notas importantes—Os comboios regulares de mercadorias anunciamos no cartaz-horário D 151, passam a ser constituidos como suplementos, deixando, por isso, o serviço de passageiros, com exceção, apenas, dos comboios n.os 2200 e 2201, que voltarão, desde 15 do corrente, a fazer serviço de passageiros de 3.ª classe no percurso entre Alfarcos e Gaias.

O presente anúncio substitui o 4.º aditamento (publicado em 10 do corrente) ao cartaz-horário D 151, assim citado—Lisboa, 11 de Setembro de 1919—O director geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

Jesus na Guerra

tem páginas de extraordinária emotividade. E os ensinamentos que esta bela obra ministra, por uma forma romântica e amena, são absolutamente dignos de aplauso.

Um elegante volume, artisticamente aguarelado na capa, claramente impresso, bom papel.

PREÇO \$50 centavos

A' venda na administração de A BATALHA, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Jesus na Guerra

tem páginas de extraordinária emotividade. E os ensinamentos que esta bela obra ministra, por uma forma romântica e amena, são absolutamente dignos de aplauso.

Um elegante volume, artisticamente aguarelado na capa, claramente impresso, bom papel.

PREÇO \$50 centavos

A' venda na administração de A BATALHA, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Jesus na Guerra

tem páginas de extraordinária emotividade. E os ensinamentos que esta bela obra ministra, por uma forma romântica e amena, são absolutamente dignos de aplauso.

Um elegante volume, artisticamente aguarelado na capa, claramente impresso, bom papel.